

Originalmente para: 1º Congresso Internacional em Estudos da Criança - Infâncias Possíveis, Mundos Reais.
Braga: Instituto de Estudos da Criança, 2 a 4 de Fevereiro 2008.

«Olha! Vem cá ver!»: Leituras compartilhadas das crianças na mediateca

Sylvie Delacours-Lins*

RESUMO

Apresentamos uma pesquisa que se inscreve no quadro de um trabalho mais amplo e que foi realizada em uma mediateca da periferia parisiense em agosto de 2007. O objetivo é aprofundar os conhecimentos em relação à formação do leitor, a partir de seu acesso à literatura infantil. Pesquisas precedentes nos convenceram de que as crianças que apresentam dificuldades para se alfabetizar não têm motivação intrínseca para aprender. Supomos que, entre outras possibilidades, o acesso à literatura possa suscitar essa motivação interna. Conseqüentemente, achamos relevante compreender as relações das crianças com o livro antes do aprendizado sistemático da leitura/escrita. Nessa primeira aproximação, fizemos uma análise da lista dos livros mais escolhidos para empréstimos e observamos as práticas de leitura das crianças não leitoras na mediateca. Constatamos o grande sucesso do livro, mesmo quando esse está em concorrência com documentos audiovisuais. As crianças escolhem preferencialmente livros que fazem parte de seriados com heróis já identificados e conhecidos. Em relação ao estudo das práticas de leitura dos não leitores, concluímos que os trinta sujeitos observados se diferenciam segundo o acompanhante (pais/adultos ou irmãos/crianças mais velhos). As crianças com adulto se dirigem logo aos espaços destinados a sua idade, as outras ocupam todo o espaço e fazem da biblioteca um lugar mais lúdico. O tempo de permanência no local é maior quando se trata de sujeito sem adulto. A criança acompanhada dos pais utiliza a opção de empréstimo, o que não é sempre o caso no outro grupo. Para o adulto, o livro escolhido deve ser um livro desconhecido do leitor, ele resiste à preferência do filho que, geralmente, escolhe um livro já lido. Constatamos, sobretudo, o comportamento gregário de todas as crianças. Na mediateca, a atividade nunca é solitária, mas sempre compartilhada. A interação torna-se fundamental. Eis porque a expressão mais comum ouvida é “Olha, Vem cá ver!” As crianças pedem o testemunho de outras crianças ou, na falta de uma criança conhecida, dos adultos. Podemos pensar que a presença de livros não é suficiente para provocar a motivação para o aprendizado. Entretanto, a interação ao redor do livro parece ser a atividade espontânea e prazerosa das crianças. Assim, sugerimos aproximar desde o princípio da aprendizagem, as práticas de leitura escolares das crianças de suas práticas espontâneas compartilhadas.

*Universidade Federal do Ceará – Fortaleza – Brasil

A pesquisa em andamento aqui apresentada foi realizada em uma mediateca da periferia parisiense, em agosto de 2007, e se inscreve no quadro de um estudo mais amplo que tende aprofundar os conhecimentos nos domínios de formação do leitor a partir da averiguação de seu acesso à literatura infantil.

Com efeito, o estudo das representações que as crianças fazem da aprendizagem da língua escrita na França e no Brasil constitui, ha muito tempo, nosso objeto de pesquisa. (DELACOURS-LINS, 1995, 2000). Ao longo dos precedentes estudos, a questão central consistia em analisar os processos cognitivos e metacognitivos, enfatizando as representações realizadas durante a aprendizagem da leitura-escrita. Constatamos, pois, que as crianças que não conseguiam aprender a ler padeciam de uma profunda ausência de motivação pessoal ; seus interesses eram de ordem estritamente escolar. Como nota Anne-Marie Chartier :

“Nenhum professor fará com que uma criança leia sem que ela deseje, que ninguém, felizmente, pode forçar uma pessoa , qualquer que seja, a ler, se ela decidiu que não quer que isso ocorra” (CHARTIER, 2007:184).

Pelo contrário, nesses estudos, as crianças que aprenderam a ler sem dificuldades diziam que queriam aprender a ler *para ler as histórias dos livros; ler o que a gente gosta; ler as histórias de animais; ler a noite antes de dormir; ler tudo; ler todos os livros; ler os livros sem precisar dos pais; poder ler quando a gente quer*. Esta constatação nos levou a supor que a literatura infantil poderia instigar novas motivações.

Conseqüentemente, achamos relevante aprofundar o estudo das representações no domínio da formação do leitor e de suas relações com a literatura infantil, com o objetivo de melhor entender a percepção da literatura infantil através de seus leitores potenciais, isto é, as crianças. As pesquisas estão muitas vezes vinculadas a outras áreas do conhecimento : história, letras, lingüística, psicanálise, pedagogia. Os pesquisadores estudam a história do conto, o valor literário do texto, sua estrutura, sua significação inconsciente, sua escolarização etc. Esperamos, todavia, compreender as motivações do futuro leitor, aprofundar os aspectos psicológicos inseridos em suas escolhas no âmbito da literatura infantil. Acreditamos ser necessário estudar os processos cognitivos e metacognitivos, em ação, nas relações do futuro leitor com a literatura infantil.

1. QUAIS SÃO AS ESPECIFICIDADES DA LITERATURA INFANTIL SEGUNDO AS CRIANÇAS?

Como se sabe, a literatura infantil se apresenta de uma maneira totalmente diferente da literatura para adulto. Como as crianças descobrem que se trata de livros a elas destinados? Em que medida as crianças se apropriam das novidades propostas pelos editores? Até que ponto consideram que tal livro é para elas? Será que as crianças conseguem diferenciar um livro de um brinquedo, no caso dos livros animados? Pode-se dizer que a aparência do brinquedo atrai mais as crianças do que a aparência clássica do livro? Que dizer da concorrência entre audiovisual, informática e impresso?

Conhecendo a importância do interesse suscitado pela literatura infantil para a aquisição da leitura e escrita, cabe perceber as características dessa literatura mediante os principais interessados, a saber, as próprias crianças. Pode-se afirmar a evidência de algumas características primordiais inseridas à literatura juvenil : ilustrações, desenhos, cores, capas chamativas.

2. COMO SABER O QUE AS CRIANÇAS FAZEM NA MEDIATECA?

2.1. Uma mediateca da periferia parisiense.

Os objetivos propostos são alcançados graças à observação de crianças pequenas na mediateca. Desejamos observar respectivamente suas práticas de leitura e escolhas em situação informal. Eis a razão pela qual escolhemos um espaço público municipal, situado fora da escola. Decidimos realizar nossa pesquisa numa mediateca e não numa biblioteca a fim de saber se as crianças se sentem mais atraídas, ou não, pelos suportes DVD ou CD ou antes pelos computadores que pelos livros. Evitamos, pois, escolher uma instituição modelo, como um equipamento situado numa periferia com grandes problemas sociais, mas uma mediateca de bairro, em um meio ambiente popular e médio.

Eis por que escolhemos uma mediateca do subúrbio sul de Paris, situada no meio de prédios formando um conjunto habitacional à vocação social, mas também próxima de residências (casas e prédios) de nível médio. Esta mediateca é nova; substitui duas bibliotecas menores. Uma delas já foi destruída. O acervo é constituído de livros existentes nas antigas bibliotecas, como também de novas aquisições. É um prédio novo, claro, vasto e bastante barulhento, em razão do material sintético que reveste seu chão.

No primeiro andar estão os dois grandes espaços da mediateca. No fundo, o do "adulto", comporta uma sala grande e duas salinhas. Para aceder a este espaço é preciso atravessar uma grande sala bem iluminada na qual pode-se distinguir (com exceção dos DVD e CD que estão juntos) três espaços para jovens, crianças e crianças pequenas, sem que esta repartição esteja claramente explicitada. Todos os espaços comunicam entre si.

Do lado "juventude", à esquerda da sala, há estantes com romances para adolescentes assim que prateleiras nos quais estão livros documentários em volta de cadeiras e mesas. Perto do espaço "adultos" se encontram muitas caixas com as histórias em quadrinhos para jovens e um armário com revistas para consulta *Okapi* ; *J'aime lire* ; *Julie* ; *Images Doc*, assim como cadeiras e mesas.

Móveis expõem contos em número bastante reduzidos, cantigas, canções e poesias, e do lado, caixas com DVDs e CDs.

No meio do espaço encontra-se a mesa das bibliotecárias (permanentemente uma ou duas bibliotecárias) que recolhem os livros de volta enquanto os empréstimos são registrados, antes da saída, no rés de chão. Elas respondem às demandas dos usuários e fazem respeitar as regras do local.

Contra as paredes são instaladas mesas e cadeiras com dois computadores, com Internet, mas sem acesso aos videogames.

À direita da sala, situa-se o espaço “infância” com caixas de madeira, contendo livros infantis, especificamente os que os franceses nomeiam álbuns, ou livros infantis. Os álbuns são livros geralmente com imagens em todas as páginas; há também, embora raramente, alguns álbuns sem texto, em regra geral, porém, os álbuns mantêm textos mais ou menos longos. Cada caixa é identificada por uma letra; são organizadas por ordem alfabética: é a inicial do nome do autor dos livros, igualmente presente na capa dos álbuns. As caixas se encontram em torno de um tapete; banquinhos são disponíveis para duas ou mais crianças. Perto da janela estão dispostos os “primeiros livros documentários”, sobre duas estantes.

No fundo, uma sala redonda, vermelha escura, podendo ficar isolada atrás de uma cortina, é destinada à “pequena infância”. Revestimentos de carpete e tapete, bonita poltrona de vime para um adulto contador de histórias, caixas no solo, banquinhos, cadeiras: é o local mais aconchegante. Um armário expõe as revistas *Popi*, *Les belles histoires*, *Wakoti*.

Cabe salientar o sucesso para as crianças que fazem os largos bancos de cor azul clara, arredondados e incorporados às janelas. São muito acolhedores para uma ou mais crianças. Circulam nos três lados envidraçados da sala e são muito procurados.

2.2. Os instrumentos : pesquisa documentária e observação

Dois instrumentos são utilizados :

a) Pesquisa documentária junto às bibliotecárias repertoriando os títulos dos livros emprestados às crianças.

b) Observação das atividades espontâneas das crianças não leitoras que freqüentam a mediateca (material para anotação: papel/lápis). As crianças são mais atraídas pelos computadores que pelo espaço da biblioteca? Quais são os espaços, as disposições e os livros que, aparentemente, elas gostam mais? Elas se deslocam sozinhas? Com seus pais? Com outras crianças? Como se comportam? Quais são suas práticas de leitura? Solicitam a ajuda de profissionais? Pedem que um leitor leia para elas o livro escolhido? Pedem livros emprestados? Que gênero de livro? Quantos? Quais?

2.3. Os sujeitos : crianças que não sabem ler

As trinta crianças observadas na mediateca parecem ter entre 3 e 8 anos. Não verificamos a idade delas, evitando interrompê-las ou informá-las que estavam sendo observadas. Pouco importa, todavia conhecer a idade exata de cada sujeito, o que nos parece primordial é saber se eles são não leitores, em período de sensibilização e de iniciação à leitura, ou leitores, o que, por sinal, foi observado com bastante facilidade. Os leitores foram dispensados do protocolo.

Cabe enfatizar o fato de que nossa pesquisa é realizada em agosto, em pleno período de férias escolares. Muitas crianças estão viajando. Algumas retornam e passam na mediateca devolver os livros que haviam pedido emprestado; outras, por sua vez, passam

pegar os livros, antes de sair de férias. Outros, ainda, utilizam a mediateca como uma das opções de lazer de seu bairro como, por exemplo, o espaço bem próximo, segundo o modelo de « Paris-Praia », proposto durante o verão, e que permite o acesso a uma grande piscina e a diversas quadras de esporte.

3. AS CRIANÇAS E A MEDIATECA

3.1. Que pedem elas emprestado?

Os fichários informáticos que nos facilitaram consultar as bibliotecárias permitem saber qual a proporção dos empréstimos, de acordo com a faixa etária, realizados segundo o suporte-impresso : livros e bibliotecas – ou audiovisual – DVDs, CDs, videotapes.

Podemos, desde logo assinalar, no que diz respeito às duas faixas de idade que nos interessam e aparecem nos fichários informáticos, que as crianças de menos de 5 anos e àquelas de 5 à 9 anos (esta classificação realizada pela mediateca é a única disponível) não existe nenhum empréstimo de videotapes, e apenas 3 de cassetes áudio. Os empréstimos audiovisuais concernem, pois, DVDs e CDs.

Faz-se necessário apontar que os sujeitos observados não pareciam fascinados pelo computador, na medida em que esse, como na mediateca, não dá acesso aos jogos. Cabe também assinalar que as crianças não podem consultar nenhum material audiovisual na mediateca ; esses são visíveis unicamente à domicilio. Acrescente-se, igualmente, que na mediateca há muito mais material impresso disponível que (material) audiovisual.

Calculamos o tipo de suporte usado por cada faixa etária entre 7 de agosto de 2006 e 6 de agosto de 2007.

QUADRO 1

Quantidade de documentos usados por cada faixa etária durante um ano			
Idades	suportes audiovisuais DVDs, CDs, videos, cassettes	Suportes impressos: Livros, periódicos	Total
Menos de 5 anos	504 (35,40 %)	920 (64,60%)	
de 5 à 9 anos	669 (19,70 %)	2730 (80,30%)	3399
Todas as idades : crianças, adolescentes e adultos	33 458 (64,48 %)	18 431 (35,52%)	Total 51889

Confirmamos, assim, a primeira impressão, que pode parecer paradoxal, visto a fascinação provocada pelas imagens sobre o público jovem : as crianças de 9 anos ou menos usam raramente o computador na mediateca e pedem emprestados sobretudo livros e revistas. As crianças abaixo de 5 anos pedem emprestados cerca de duas vezes mais documentos impressos que audiovisuais, e àquelas entre 5 e 9 anos quatro vezes mais.

Ao contrário, se considerarmos que os empréstimos concernem todas as faixas etárias confundidas, há uma inversão da tendência e são os suportes audiovisuais os mais solicitados, alcançando o dobro dos impressos.

Pode-se talvez concluir que essa preferência pelo impresso esteja ligada à facilidade de utilização pelas crianças desta idade que, embora habituadas aos suportes eletrônicos, não têm acesso tão fácil quanto ao livro. Com efeito, elas não podem usar essas tecnologias na mediateca, mesmo se em casa devam, provavelmente, compartilhar o material com os outros membros de sua família. O objeto solicitado, individualmente, e sempre disponível, é pois o impresso.

O fichário da mediateca não detalha nem a idade dos solicitantes nem suas escolhas. Podemos, contudo, saber quais são os livros mais escolhidos em relação às seguintes categorias : a) Álbuns para a pequena infância, b) Álbuns, c) Primeiras leituras, d) Histórias em quadrinhos, e) Primeiros Romances, f) Romances para adolescentes.

Consideramos os documentos escolhidos para empréstimos vinte vezes ou mais durante uma parte do ano 2007 que vai de 01/01/2007 a 14/08/ 2007.

Uma vez concluídas as observações e entrevistas com bibliotecárias, supomos que poucas crianças escolhem livros fora das categorias *a* e *b*, do mesmo modo, em uma menor escala, *c* e *d*. Os documentos correspondentes às categorias *e* e *f*, são raramente escolhidos pelas crianças.

a) Álbuns para a pequena infância

Vejamos quais são os 20 álbuns mais escolhidos. Em algumas categorias, faz-se necessário levar em conta livros classificados vigésimos *ex aequo*.

QUADRO 2

22 ÁLBUNS PEQUENA INFÂNCIA MAIS		EMPRESTADOS
Titulos ou séries	Nº de empréstimos	Nº de álbuns diferentes emprestados
<i>Petit Ours Brun</i>	126	5
<i>Spot</i>	68	3
<i>T'choupi</i>	55	2
<i>Tommy 51</i>	51	2
<i>Je cherche ce....</i>	48	2
<i>Mouf</i>	26	1
<i>Où vas-tu Mimi ?</i>	24	1
<i>Ma voiture</i>	24	1
<i>Dans la jungle</i>	23	1
<i>Va-t-en grand monstre vert</i>	22	1
<i>Aéroport</i>	21	1
<i>Papi</i>	21	1
<i>Trotro</i>	21	1

Constata-se que a maioria dos álbuns escolhidos faz parte de séries (existem outros álbuns diferentes das mesmas séries na mediateca), com exceção de apenas quatro livros que fogem à regra : *Aéroport, Va-t-en grand monstre vert, Dans la jungle et Ma voiture.*

b) Álbuns. Eis os 22 álbuns mais emprestados (entre 19 e 38 vezes) do 01/01 ao 14/08/2007.

QUADRO 3

22 ÁLBUNS MAIS EMPRESTADOS		
Titulos ou Autores	Nº de Empréstimos	Nº de álbuns Diferentes emprestados
<i>Barbapapa</i>	99	4
Philippe CORENTIN*	73	3*
Tomi UNGERER **	54	2**
Claude BOUJON ***	45	2***
<i>Petit Ours Brun</i>	38	1
<i>Le poussin et le chat</i>	30	1
<i>Max et les maximonstres</i>	26	1
<i>Un monde de cochon</i>	25	1
<i>Guillaume l'apprenti -sorcier</i>	25	1
<i>Le déjeuner des Loups</i>	22	1
<i>Dragon de feu</i>	22	1
<i>Je mangerais bien un enfant</i>	20	1
<i>L'apprentie sorcière</i>	20	1
<i>Mille secrets de poussins</i>	19	1
<i>Roule galette</i>	19	1

*L'Ogre, le loup la petite fille et le gâteau; Mademoiselle Sauve qui peut; Plouf!

**Le Géant de Zeralda; Les trois brigands.

***Ah les bonnes soupes; Bon appétit Monsieur Renard

Os “álbuns” são geralmente escolhidos por crianças um pouco maiores que os sujeitos que preferem o item a) « Álbuns pequena infância».

Observamos que as séries não estão mais tão presentes, a não ser *Barbapapa*. Constatamos também que aparece um novo critério de escolha : as crianças não se referem somente ao personagem de uma série, mas parece que emerge uma cultura literária ligada ao conhecimento do autor de álbuns. Três autores são escolhidos mais de uma vez : Philippe CORENTIN, Tomi UNGERER e Claude BOUJON. As personagens são diferentes de uma história para a outra, mormente, o grafismo e o estilo das histórias permanecem suficientemente identificáveis para ser reconhecidos e escolhidos.

c) Primeiras leituras

Os 20 primeiros livros escolhidos são preferidos entre 41 e 68 vezes. Os 20 primeiros livros fazem parte da série *Max et Lili*. O acervo da mediateca é um pouco limitado nesta categoria.

QUADRO 4

20 PRIMEIRAS LEITURAS AS MAIS EMPRESTADAS	
Títulos	Nº de empréstimos
<i>Nina a été adoptée</i>	68
<i>La maison de Max et Lili a été cambriolée</i>	61
<i>Max va à l'hôpital</i>	59
<i>Lilia veut faire une boum</i>	57
<i>Le cousin de Max et Lili se drogue</i>	55
<i>Max est racketté</i>	52
<i>Lili est amoureuse</i>	50
<i>Max et Koffi sont copains</i>	49
<i>Max et Lili aident les enfants du monde</i>	49
<i>Jérémy est maltraité</i>	48
<i>La copine de Lili a une maladie grave</i>	48
<i>Max ne veut pas se laver</i>	47
<i>Lili fait des cauchemars</i>	47
<i>Max et Lili se sont perdus</i>	47
<i>Lili est fâchée avec sa copine</i>	46
<i>Marlène grignote tout le temps</i>	45
<i>Alex est handicapé</i>	45
<i>Max a une amoureuse</i>	44
<i>Lili veut être une star</i>	44
<i>Max et Lili veulent tout savoir sur les bébés</i>	41

Como podemos ver à leitura dos títulos, trata-se de uma série que focaliza os problemas, interesses e preocupações das crianças (adoção, amizades, conflitos, pesadelos, higiene corporal, problemas de sociedade etc.)

d) Histórias em quadrinhos:

QUADRO 5

20 Gibis MAIS EMPRESTADOS		
Titulos	Nº de empréstimos	Nº de álbuns diferentes emprestados
<i>Titeuf</i>	445	8
<i>Tom Tom et Nana</i>	278	5
<i>Malika</i>	152	3
<i>Schtroumpfs</i>	93	2
<i>Kid Paddle</i>	90	2

Os 20 primeiros livros escolhidos foram emprestados 44 à 75 vezes, durante o período observado. Segundo as bibliotecárias e nossas observações, as histórias em quadrinhos são escolhidas por pré-adolescentes ou adolescentes. Constatamos também que as séries as mais escolhidas são as que aparecem igualmente em outros suportes *Titeuf* e *Kid Paddle* (televisão); *Tom Tom et Nana* (antigamente na revista *J'aime lire*), os *Schtroumpfs*, menos presentes, atualmente, mas que ocuparam, todavia, um espaço importante na televisão, no cinema e na revista *Spirou*.

3.2. Quais são as práticas dos jovens usuários da mediateca?

3.2.1. Evoluções no espaço

Podemos constatar práticas bem diferentes se consideramos dois grupos de sujeitos : as crianças que visitam a mediateca com adultos ou com crianças mais velhas.

Os não leitores, ou leitores iniciantes, acompanhados de um ou mais adultos apresentam, evidentemente, comportamentos mais direcionados; vão diretamente aos setores correspondentes à sua idade. Olham álbuns e livros documentários como também CDs e DVDs. Não vão ver caixas de álbuns para primeira infância, ou romances para adolescentes.

Os sujeitos acompanhados por irmãos ou crianças mais velhos utilizam todo o espaço da mediateca. Não visitam, entretanto o espaço adulto; olham tanto dicionários como romances e se instalam em diversos lugares. Seus deslocamentos são mais numerosos.

Correm com mais freqüência e esquecem as regras mais facilmente : *não gritar, não correr, não comer.*

Todas essas crianças têm em comum o uso preferencial de uma expressão que começa um grande número de suas frases : “Olha! Vem cá ver!” Convocam o outro (adulto ou criança) a participar de sua atividade, desejam compartilhar suas descobertas, extasiar-se e alegrarem-se juntos.

3.2.2. Tempo de visita : duração da permanência

O tempo de permanência na mediateca varia entre 10 e 94 minutos. Este dado é difícil a interpretar porque o tempo é sempre controlado pelo acompanhante, tanto criança como adulto. Entretanto, a criança acompanhante é menos apressada : os usuários que vêm com crianças não ficam menos de 25 minutos e dois deles permanecem 94 minutos ; os usuários acompanhados de adulto ficam entre 5 e 60 minutos. Se cruzarmos estes dados da observação do tempo com aqueles relativos ao espaço, somos levados a concluir que as crianças sem adultos se apropriam da mediateca de maneira mais intensa.

3.2.3. Práticas de leituras compartilhadas

É surpreendente observar que a prática de leitura a mais freqüente é a (leitura) conjunta, de fato, poucas crianças escolhem um livro a fim de o olhá-lo sozinhas. As crianças que vêm com seus familiares adultos e sem outras crianças são os únicos a ter essa prática. Entretanto, tomam os adultos como testemunhas de suas descobertas. Geralmente as crianças sentam-se no tapete, nos bancos ou nas bordas das janelas, raramente nas cadeiras. São dois ou três a dividir a descoberta do livro. Mudam o documento freqüentemente, correm escolher um outro, mexem em alguns álbuns colocados nas caixas, voltam para mostrar seu novo achado. Digamos que a atividade de leitura dos não leitores é coletiva, assim como é o caso de um grande número de leitores. A leitura silenciosa não parece muito usual. O entusiasmo da criança tem que ser compartilhado. Essas práticas estão bem longe do modelo de leitura adulta. Concordamos com observações de Evans:

... os jovens públicos podem ser caracterizados por práticas e atitudes particulares, senão próprias. O gosto marcado pelos comportamentos gregários ilustra bem este aspecto. Na secção infância, se traduz por uma freqüentação coletiva maciça, às vezes problemática ; pela leitura por várias crianças de um mesmo livro ou de uma mesma revista; pela instalação amontoada para o trabalho ... (EVANS, 2002: 66). (Trad. da autora)

3.2.4. Empréstimos: um projeto de leitura

As crianças acompanhadas de outras (crianças) vão à mediateca para atividades ligadas aos livros, mas não objetivam obrigatoriamente o empréstimo de documentos para consultar mais tarde.

Os livros são sistematicamente levados emprestados pelos jovens acompanhados de adultos. O adulto acompanhante insiste para que a criança peça emprestados livros que ele ainda não leu. A atitude espontânea da criança é pegar um livro que ela já leu.

O computador não fascina obrigatoriamente os jovens utilizadores enquanto as crianças maiores se agitam e se apressam para encontrar uma vaga e dele se apossar. Os Cds de contos alcançam o mesmo sucesso que os DVDs.

CONCLUSÕES : O PRAZER DA LEITURA COMPARTILHADA

Os livros continuam a ser apreciados pelas crianças que praticam a leitura compartilhada em um espaço lúdico, entre elas, ou senão mais dirigido quando adultos as acompanha. As crianças que vêm sem adultos pedem emprestados poucos livros, ficam mais tempo na mediateca, e se espalham por todos os espaços. As crianças com adultos ficam menos tempo, não se deslocam tanto e pedem mais livros emprestados. Preferem histórias com personagens conhecidos e privilegiam alguns autores.

Podemos concluir que crianças não acompanhadas de adultos exercem umas práticas de leitura mais lúdicas, mais espontâneas e mais dispersas, enquanto as outras têm uma relação com os livros mais objetiva, mais racional : vão direto ao assunto, às estantes com os livros correspondendo a sua idade; eles pedem emprestados livros ainda não lidos. Os adultos propõem, quase sempre, um modelo de leitura próximo de seus interesses, sem levar em consideração as características infantis : o gosto pelo jogo, a rapidez das escolhas e dos abandonos de objetos de interesse, a importância do movimento e do conhecimento do espaço ; a total imersão no presente que não estimula a fazer projetos tais quais levar livros emprestados para ler depois.

Por outro lado, podemos notar que a leitura é de preferência compartilhada por todas as crianças, prática que se opõe à leitura individual: silenciosa ou em voz alta. São práticas literárias próprias da infância que privilegiam a partilha das descobertas e as trocas.

Constatamos também que o livro resiste particularmente bem em um mundo, à primeira vista, dominado pela tecnologia. É um suporte de fácil transporte, utilizável em qualquer situação; não necessita nem máquina, nem eletricidade, nem bateria, nem acesso à rede, nem negociação com a família, nem autorização prévia. A presença material do livro é importante para uma criança; o livro pode ser tocado, aberto, quase possuído, enquanto DVDs e CDs necessitam um projeto a longo termo e somente oferecem seus segredos no domicílio.

Entretanto, o livro não é o personagem principal desta mediateca ; no primeiro plano da cena aparece a interação, isenta de dúvida, e qualquer que seja o grupo ao qual pertence o usuário. É o intercâmbio, o prazer da leitura compartilhada, sem objetivo identificado, é a possibilidade de « perder » tempo, quer dizer ter acesso a um espaço-tempo que não seja diretamente contabilizado nem útil e que permite infinitos possíveis e faz da mediateca um espaço agradável e lúdico, freqüentado, até em pleno verão enquanto parece difícil abandonar atividades de “plein air”.

Podemos pensar que a presença de livros não é suficiente para provocar a motivação para o aprendizado. Entretanto, a interação ao redor do livro parece ser a atividade espontânea e prazerosa das crianças. Assim, sugerimos aproximar desde o princípio da aprendizagem, as práticas de leitura escolares das crianças de suas práticas espontâneas compartilhadas. Neste sentido, a constatação da pesquisadora A. M. Chartier, no que diz respeito à escola francesa, abre perspectivas pedagógicas :

Os anos 1980-1990 conhecem um progressivo retorno às práticas renegadas nos discursos senão abandonadas no terreno: leitura do professor em voz alta que autoriza todo aluno a escutar e discutir um texto, seja ele um leitor fluente ou não; alternância entre tempo de leitura silenciosa e trocas a respeito de obras compartilhadas, quer dizer impostas à todos; desafios-leituras entre turmas, sobre *corpus* que constituem uma referência coletiva; discussão com os autores ou desenhistas ... Acreditava-se que a felicidade de ler era uma experiência solitária, hoje, constata-se que ela tem mais a ver com uma partilha coletiva. CHARTIER, 2002 : 156-157 (Trad. da autora)

BIBLIOGRAFIA

- ▶ **CHARTIER, AM**, « La littérature de jeunesse à l'école primaire: histoire d'une rencontre inachevée », In ZOUGHEBI, H.(Dir) , *La littérature dès l'alphabet*, Paris : Gallimard Jeunesse, 2002 , p.141-157
- ▶ **CHARTIER, AM**, *Práticas de leitura e escrita -história e atualidade*, Belo Horizonte : Ceale/Autêntica, 2007
- ▶ **DELACOURS-LINS, S.**, Quelles représentations les enfants ont-ils de leurs propres apprentissages, dans le domaine de la lecture, en France et au Brésil?, Mémoire de Diplôme d'Etudes Approfondies en Sciences de l'Education, Université René-Descartes, Paris V, 1995.
- ▶ **DELACOURS-LINS, S.**, *Clarté cognitive et apprentissage de la lecture, Etude longitudinale à Fortaleza, Brésil*, Thèse de Doctorat en Sciences de l'Education, Université René-Descartes, Paris V. Directeur de thèse : Gérard Vergnaud, 2000.
- ▶ **DIATKINE, R.** « L'enfant et la possession du livre » In *La revue des livres pour enfants*, La joie par les livres, n°97, juin-juillet 1984 , vol 217, p.38-42.
- ▶ **EVANS, C.**, « On s'débrouille. Enquête sur les usagers des sections jeunesse –Observations sur les comportements et les représentations des jeunes lecteurs en bibliothèque » In *La revue des livres pour enfants*, La joie par les livres, 2002 , vol 204, p.65-71.
- ▶ **POSLANIEC, C.** (dir) *Réception de la littérature de jeunesse par les jeunes*, Paris : INRP, Didactiques des disciplines, Documents et travaux de recherche en éducation, n°48, 2002